

TRIBUNA DA CIDADE

EURIDES BRITO

Otimismo ajuda a melhorar ensino

Nós que militamos na área da educação, por mais de três décadas, temos um enfoque próprio no exame dos problemas e das dificuldades que enfrentamos. Principalmente quando, nas lides acadêmicas, trabalhamos com Educação Comparada, pois esta nos ensina a explicar os dados em termos relativos, de forma contextualizada, a identificar as falsas evidências, a interpretar os fatos à luz de parâmetros preestabelecidos de natureza sócio-econômica, histórica e cultural. Não cultivamos a síndrome da catástrofe porque o foco de nossas análises tem abrangência espacial e verticalidade temporal. Também não praticamos o deslumbramento ingênuo com as nossas realizações. Nós as apreciamos na medida certa de um otimismo realista, saudável, isento, porque temos o compromisso de informar a comunidade com objetividade e exatidão.

Somos daqueles que, vendo uma garrafa com líquido até o meio, dizemos que ela está meio cheia ao invés de dizermos que ela está meio vazia. É que nós educadores nunca perdemos a esperança e contabilizamos ganhos por menores que sejam, porque sabemos o que eles representam no processo da educação, num país em desenvolvimento e mergulhado numa crise multifacetada. Sempre somamos, nunca subtraímos.

Estas considerações vêm a propósito da menção a dificuldades com que cerca de 450.000 alunos das escolas públicas se defrontam no seu retorno às aulas neste início de ano letivo em artigo nesta coluna, na edição de 7 de março.

Começa o articulista por assinalar que 7.200 desses alunos ainda es-



"Nós educadores nunca perdemos a esperança e contabilizamos ganhos por menores que sejam"

tarão sujeitos ao horário reduzido do chamado turno da fome. Esse número, que representa menos de 2% do aluna- do da rede pública de ensino, ao invés de ser desesperador (apesar de lamentável), representa uma conquista de nossa administração. Trata-se de um resíduo de

alunos ainda no turno intermediário, que seria muito maior não fosse a construção de 388 salas de aula, em 1993, às quais se somarão, em 1994, 106 novas salas de aula. Como se vê, a garrafa está meio cheia.

Quanto ao livro e aos materiais didáticos, também temos o que festejar. No ano de 1993, os livros da Fundação de Assistência ao Educando-FAE, do Ministério da Educação, só puderam chegar às escolas de ensino fundamental, para as quatro primeiras séries de todo o país, no mês de agosto.

Em 1993, não houve distribuição de livros pela FAE. Neste ano de 1994 foi a primeira vez, em uma década, que os livros "esperaram" os alunos, pois chegaram à escola, antes do início das aulas, 473.190 livros para as quatro primeiras séries (dois por aluno).

Os Kits de Ciências, nunca antes distribuídos, atenderam, na primeira semana de aula, a 70.000 alunos. Cadernos, lápis, boracha e apontador foram entregues a 341.205 alunos. É para nós um excelente começo de instrumental básico, já que não podemos, ainda, colocar um computador para cada aluno. Para atendimento aos alunos nas quatro últimas séries do ensino fundamental e do 2º grau, estamos lançando a "Feira de Troca do Livro Didático", com o expressivo slogan: "O livro que tenho pode ser o livro que você precisa". Com essa feira haverá o reaproveitamento do livro didático já utilizado em anos anteriores e o acesso do aluno ao livro será facilitado, supriremos as carências do livro didático em sala de aula, retroalimentaremos os Bancos do Livro, além de redimensionarmos a propriedade do livro destinado ao abastecimento das escolas.

Contamos com o esforço comunitário das administrações regionais, do Rotary Club, Lions Club, shoppings, bancos comerciais, rede hoteleira, escolas particulares, comércio da cidade, Sesc, Sesi, canais de TV, jornais e emissoras de rádio.

É uma estratégia sócio-educativa de suprimento do livro didático, que, prazerosamente, anunciamos, em primeira mão, à comunidade.

Uma vez mais, a garrafa está meio cheia.

■ Eurides Brito da Silva é secretária de Educação do DF